



Card. Matteo Zuppi

Don Calábria, profeta de comunhão

99 Jornada de estudos calabrianos

San Zeno in Monte, Verona – 26 de novembro, 2019

Conheci Padre Calábria em Primavalle, na capelinha, que não por acaso os Pobres Servos animavam no entre os arranha-céus de casas populares e no Collegino, um porto seguro para os náufragos da vida, uma âncora da salvação, um farol da humanidade, nos arredores escuros da cidade de Roma. Primavalle é um bairro construído no final da década de 1920 - início da década de 1930, para alojar as pessoas desabrigadas da Coluna Borgo, atual Via della Conciliazione. Quando foi construído estava situado fora de Roma, mas atualmente, com a expansão da cidade se encontra quase no centro. A presença da Obra do Padre João Calábria nesta realidade ofereceu acolhida às vítimas das drogas, um terrível flagelo do nosso tempo, um verdadeiro "Herodes" que já tirou a vida de muitos jovens. Parece-me que hoje estamos fazendo muito pouco contra esse "Herodes". Sou tentado a pensar que temos menos compaixão e menos esperança, que estamos acostumados a isso que está aí, talvez porque não somos provocados por manifestações evidentes como seringas e mortos espalhados pelas ruas. No entanto, quantas vítimas! A morte "branca", morrer por dentro, não é menos importante? As drogas tornaram-se algo banal e nós, devemos reconhecer, somos conformistas. Entre os religiosos veronenses presentes em Roma, mantive contato também com as Filhas de Jesus, presentes em Torre Angela. Em Bolonha, encontrei as Irmãs da Sagrada Família: a presença dos veroneses sempre me acompanha!

Quero agradecer de coração pelo convite para estar aqui hoje. Acredito que o vosso carisma Padre Calábria o compartilhou com muitos. Esta é a primeira observação que gostaria de fazer, porque penso em Padre Calábria como um profeta de comunhão. Padre João Calábria foi um santo que em vida ajudou a muitos outros santos. Isso sempre me impressionou nele; muitos lhe escreveram, a outros era ele que escrevia, como um modo de ajudar-se mutuamente, o que não é de todo óbvio. Às vezes,



mesmo entre os cristãos, nos ajudamos pouco e, isso nos enfraquece. João Calábria encorajou a muitas pessoas. Estou seguro que é justamente nisto reside a força da comunhão.

Santidade não é aperfeiçoamento individual

Padre Calábria compartilhou sua santidade com muitas pessoas, encorajando-as, confortando-as, tranquilizando-as, como também no apoio mútuo. Neste sentido, ele legou um grande exemplo. Demonstrou que a santidade não é um aperfeiçoamento individual, o que equivaleria dizer: santifico-me por minha própria conta, para mim mesmo, porque é uma questão individual. Assim, os outros acabam por se tornar um objeto do meu aperfeiçoamento individual. Isso pode se tornar um problema, pois a perfeição individual pode até nos levar a praticar boas obras, mas terá a nós e não os pobres como finalidade. Isso não é santidade! Augusto Barbi, um grande e profundo estudioso da Bíblia, pode explicar o que significa santidade nas Escrituras, o convite para ser santos porque Deus é santo. Não é um caminho de perfeição individual! João Calábria sempre ajudou a muitas pessoas, como demonstra sua correspondência. Não dá para imaginar a lista de santos que tinham em São João Calábria um ponto de referência! Daqui a pouco vou ler a citação de um importante documento do Papa Francisco "Gaudete et Exultate", que nos exorta a ser santos. A esse respeito, já antecipo que, em minha opinião, descreve o homem e a mulher, os cristãos comuns que podem viver a Evangelii Gaudium, a grande perspectiva que o Papa Francisco nos oferece: o convite à conversão pastoral e missionária para mudar o mundo e para que a Igreja possa ser ela mesma e não seja deformada pelos fechamentos que a adoecem.

A comunhão não é um condomínio

Muitas vezes nos acostumamos com a banalidade do individualismo e acabamos por reduzir a comunhão a um condomínio, como diria o Papa Francisco. A comunhão jamais pode ser confundida com um condomínio. Trata-se de ter um só coração e uma só alma, e não simplesmente um objetivo comum. Quando tentei fazer da casa da minha família um condomínio, minha mãe como todas as mães, me disse uma frase lapidar (que me deixou muito aborrecido, mas me ajudou) que muitos de nós já ouvimos: "Esta casa não é um hotel"! A comunhão não é um hotel com alguns espaços comuns, nem um condomínio com alguma dificuldade de regulação; a comunhão é uma unidade completa, onde todos pensam juntos a ponto de chegar a ter um só



POVERI·SERVI
DELLA·DIVINA
PROVVIDENZA



coração e uma só alma. Quando a comunhão se torna um condomínio, o mundo se afasta. Mas, se ao contrário, vivemos a comunhão e a vivemos intensamente, o mundo se abre e nós nos abrimos para o mundo. O condomínio é uma realidade fechada. Comunhão é circular e aberta. No condomínio, se exige respeito às regras. Na comunhão se procura amar um ao outro, ajudar-se, completar um ao outro e, por isso, precisamos do outro e dos outros. No condomínio, o diverso nos assusta. Na comunhão a diversidade é vista como uma riqueza que torna a unidade ainda mais forte. Comunhão e missão caminham juntas, uma alimenta a outra, como a sístole e a diástole que dá ritmo ao coração humano e à comunidade cristã. Apesar de não ser cardiologista, acredito que, se houvesse apenas sístole, "faríamos um estrondo". Se a comunhão é direcionada apenas para dentro de nós mesmos, adoecemos, para retomar o vocabulário do Papa Francisco. Se permanecermos fechados, ficaremos doentes. Se a comunhão não se torna missão, se transforma em condomínio, favorece os indivíduos, mas não o todo. Por que será que o Papa Francisco combate tanto o carreirismo? (me parece que o protagonismo pouco ambicioso que hoje predomina, diria de escada, não que sinto falta dos do pátio!)? Se a comunhão é reduzida ao uso e ao consumo da idolatria do eu, isto é, para me fazer sentir bem, se deforma.

Padre João Calábria, "Pároco do mundo"

Para Padre Calábria a comunhão e o mundo, a comunhão e os pobres, seus amigos e a acolhida ao próximo, a atenção aos outros, eram a mesma coisa. Eram para ele como os dois movimentos do coração, a sístole e a diástole, fazendo, deste modo, com que o coração funcione bem. Ele chamou e enviou em missão como fez Jesus, construiu e envolveu a todos nesta comunhão. Confesso que fiquei impressionado com uma das definições de Padre Calábria, ainda no início da Obra: "pároco do mundo". Tanto os sacerdotes como todos nós, devemos pensar-nos como párocos do mundo. A comunhão amplia as fronteiras, as supera porque nos faz entender que somos irmãos e irmãs e ensina a manter unidas em torno a uma mesma fé as pessoas mais diversas. Por isso, devemos fazer um exame profundo de nossas comunidades e de nós mesmos. Às vezes até conseguimos fazer um pouco de solidariedade. Ficamos felizes quando alguém se lembra de nós, vem nos fazer uma visita quando ficamos doentes. Mas muitas vezes não estamos acostumados à comunhão, tanto que nem ficamos chocados se alguns de nossos irmãos não nos procura, nem por isso nos rendemos. Lembro-me de uma vez quando fiz uma visita pastoral a uma paróquia, ao falar com ênfase sobre



a comunhão, a certa altura um senhor idoso se levantou e disse: "Olha, eu concordo com tudo isso, mas é uma pena que quando meu filho estava enfermo, ninguém veio me ajudar!". Ele estava certo. A comunhão não é uma declaração de princípios, mas a prática de se pensar juntos. Padre Calábria foi pároco do mundo. Um homem com grande capacidade de construir, sempre atento a todos, não perdido no mundo. Teceu relações, recordando o nome de todos mesmo nas suas correspondências. Nos nomes, digamos, ele construiu comunidades, colocando nome sobre nome. Ele não fundou uma grande instituição, mesmo que ela tenha se tornado uma grande Obra, mas nome sobre nome, como deve ser a comunhão.

O Sacramento do serviço

Penso que colocamos muito pouco em prática aquele que é o maior presente, uma das preocupações mais importantes de Nosso Senhor. Dedicou sua vida a nos ensinar a amar uns aos outros. Recomendou-nos: "amai-vos uns aos outros!", E nos mostrou como fazê-lo! A Eucaristia é o testamento mais eloquente desse Amor. Mas há outros sacramentos, não menos importantes: o sacramento do serviço e o sacramento do irmão. Tenhamos em conta que o relato da Última Ceia não está relatado no Evangelho de João, porque ele enfatiza o lava-pés! É o mesmo amor do Senhor que é compartilhado entre os irmãos que se amam, que se inclinam um sobre o outro, que se fazem servos uns dos outros. Isto é comunhão! Corremos o risco de que nossas comunidades se tornem um grande supermercado de bem-estar religioso. O verdadeiro bem-estar religioso não consiste em receber algo de Deus para nós mesmos, mas abrir o nosso ser e deixar-nos invadir por sua presença, deixando espaço para que Ele possa entrar em nós. O verdadeiro bem-estar é aprender a amar, a começar pelos irmãos que o Senhor nos dá. Neste sentido, João Calábria foi um verdadeiro profeta da comunhão. Vemos hoje como os religiosos parecem ter uma vida diferente do comum das pessoas; apesar de tudo, os religiosos são homens e mulheres que se aventuram a viver juntos, dando testemunho de amor aos irmãos.

Uma das grandes intuições de Padre Calábria, em minha opinião, é que ele, de certa forma, envolveu praticamente todos os que ele conhecia nesse vínculo de comunhão. O mesmo se observa também com Irmãs da Obra: todos devem se doar juntos, em uma grande comunhão! Se removermos o véu e o hábito religioso, todos os religiosos de Padre Calábria que conheci podem ser facilmente bem distinguidos. São homens



que se amam e vivem em comunhão. Quanto mais vivemos a comunhão, mais se fortalece a convivência com os outros. Neste sentido, na minha opinião, João Calábria foi verdadeiramente um profeta da comunhão!

A comunhão não é uma opção

Em um mundo onde impera a idolatria do eu, a comunhão é a resposta do Senhor para todas as gerações, inclusive a nossa. Através de seu amor aos mais abandonados Padre Calábria os valorizava como pessoas, resgatando-as do anonimato. A comunhão tem o poder de afastar o individualismo e inserir a todos em uma circularidade. Não é um totalitarismo que anula o ego em nome de um bem maior. De fato, a comunhão nunca saiu de moda na Igreja, pois o Evangelho, com a sua força, nos ensina a amar e a valorizar o outro. Não amamos alguém por ideologia, aprendemos a amá-lo, o reconhecemos como irmão, entendemos o seu valor que supera qualquer ideologia. Se no passado se deu demasiada ênfase à abnegação, ao sacrifício, e à anulação de si mesmo em nome da comunhão, agora caminhamos na direção oposta: dobramo-nos ao eu e tudo deve ser feito em vista do bem-esta pessoal. Na pessoa do Padre João Calábria, encontramos uma comunhão muito humana, atenta à necessidade de cada um, respeitosa, a começar pelos mais fracos, pensada para eles e, portanto, para todos. Um amor assim exigia muita abnegação. Porque se sou acolhido, se me sinto em casa, se me sinto amado, farei de tudo para ajudar aos demais. Se pratico o auto sacrifício, mas não a comunhão, me perco e me anulo. A comunhão, ao contrário, não nos anula, mas nos faz sermos nós mesmos, mas não sozinhos. Se optarmos por fazer da comunhão um objeto de consumo pessoal, ela se tornará um condomínio e, no final, será completamente importuna.

Pode se reduzir a comunhão a um pouco de democracia?

Somos frequentemente tentados a reduzir a comunhão, e também a estrutura da Igreja, a uma espécie de democracia. Mas a Igreja é muito mais que uma democracia. Ao recordar minha infância, lembro-me que em minha casa não havia democracia, havia comunhão: minha mãe liderava, mas estava a serviço de todos. Neste mundo dilacerado por guerras e violência, ferido por uma espécie de individualismo generalizado que divide os seres humanos e os coloca uns contra os outros na busca do próprio bem-estar, acredito que os cristãos de todas as comunidades devem oferecer o testemunho de comunhão fraterna (Evangelii Gaudium) que a torne



atraente e luminosa. Que todos possam admirar como vocês cuidam uns dos outros, como se encorajam, como se acompanham: "Nisto todos saberão que vocês são meus discípulos" (João 13,35) e "que todos sejam um para que o mundo possa crer." Vivemos em um mundo ferido por uma espécie de individualismo generalizado que divide os seres humanos na busca de bem-estar. Contudo, não estamos bem quando estamos sozinhos. Nem mesmo a fraternidade secular existe mais. Por isso corremos o risco de reduzir a comunhão a um símbolo, um acrônimo, a uma zona de conforto, e não a "um só coração e uma só alma". Para nós, a fraternidade tem um valor religioso, espiritual e material: torna-se a carne do Evangelho, é o próximo, realiza a maior indicação que une três grandes formas de amor: a Deus, ao próximo e a mim mesmo. Esta é uma bela solução que resolve a oposição entre o amor por mim e pelos outros, mesmo que a fraternidade seja uma exigência para todos. É impossível crer sozinho. A fé não é uma opção individual, nem um relacionamento exclusivo entre o Eu e o Tu. Por sua natureza, ela se abre ao Nós, como sempre ocorre na comunhão da Igreja. Creio que nos tornamos homens interiores (não com uma fé de mero pertencimento religioso ou reduzida a um símbolo externo) quando vivemos em comunhão. A fé se torna mais profunda à medida que vivemos em comunhão com os irmãos, mas é exterior quando a vivemos de maneira individualista. Isto que eu afirmei está na *Lumen Fidei* no n. 39, que é a única encíclica de duas mãos escrita pelo Papa Bento XVI e pelo Papa Francisco.

O homem necessita do afeto de uma mãe

O homem, dizia Padre Calábria, tem necessidade do afeto de uma mãe. O local onde ele acolhia os desabrigados e desvalidos da sociedade não era um pronto-socorro asséptico, mas uma casa, um lar: o homem precisa do carinho de uma mãe. Comunhão é pensar a Igreja e viver na Igreja como uma família. Não é por acaso que se insiste tanto hoje em compreender a família como igreja doméstica. Os resultados talvez não tenham recompensado toda a insistência, a julgar pelas dificuldades enfrentadas pela família, que não vêm apenas de fora e que revelam a fraqueza de nossas motivações profundas. O mundo, o individualismo, a fragilidade e muitas outras razões não o permitem, mas, ao contrário, a minam. Devemos continuar a insistir, como nos anos imediatamente após o Concílio que a Igreja é uma Igreja doméstica. Isso poderá ajudar os cristãos a vivenciarem o amor no seio de suas famílias. O homem precisa de uma mãe, uma família, uma comunidade. A Igreja é obviamente uma grande instituição, mas se perde sua dimensão doméstica, não a entenderemos mais. Padre Calábria nos



legou essa importante intuição: precisamos de uma mãe e ele mesmo deu um lar aos abandonados. Nos anos posteriores ao Concílio, alguns, celebravam a missa nas casas das famílias. Por quê? Para demonstrar que a Igreja era uma realidade doméstica. E, no fundo, as casas da Obra buscavam refletir esta realidade de uma Igreja com rosto de família. Uma igreja doméstica, uma igreja que vive a comunhão nos relacionamentos familiares. De fato, Padre Calábria estava certo: o homem necessita do afeto e do carinho de uma mãe!

A Providência

A providência está longe de ser um fatalismo vazio. Ao contrário, providência é saber que o Senhor está sempre no meio de nós. Quando o Papa Francisco afirma: tomem cuidado com o Pelagianismo, e alerta para que não confiarmos apenas na nossa própria força e capacidade! Esta heresia é muito mais difundida do que parece, sobretudo para uma geração com uma vida espiritual precária como a nossa que pouco acredita na providência. A Heresia pelagiana significa basicamente uma comunidade ou uma vida de fé sem Deus, na qual se pode fazer tudo o que quiser. A providência são minhas mãos, o que eu sou capaz de fazer. Deste modo, tudo se torna facilmente triste, porque se transforma em mérito, se torna fracasso porque acredito na demonstração da própria onipotência. Contudo, no centro de tudo está sempre o Senhor e nós somos servos inúteis. A comunhão é fruto da compreensão de que é o Senhor que conduz tudo. Estou convencido de que a confiança do Padre Calábria na Divina Providência é o que nos permite viver uma forma mais ampla de comunhão que podemos fazer com as pessoas ao nosso redor, com as que não estão entre nós, como também com aquelas que não alcançamos imediatamente. Na Gaudete Exultate, o Papa Francisco insiste: "O amor fraterno multiplica nossa capacidade de alegria", mas eu diria que muda todas as nossas capacidades. Porque no amor fraterno encontramos a presença do Senhor.

Os Pobres

Para São João Calábria, os meninos do oratório são os primeiros a fazerem parte de sua comunhão. Os pobres não são um objeto, mas são os sujeitos da comunhão que nos une a eles. A nossa relação com os pobres não é de caráter operacional, é fraterna, é relação com os pequenos. Por tal motivo os pobres não são uma justificação para a atividade do Padre Calábria. Eles faziam parte da família, estavam dentro da



POVERI-SERVI
DELLA-DIVINA
PROVVIDENZA



comunhão. Quando os pobres se tornam um objeto, a Igreja vira um conselho de administração. É verdade que sempre teremos que pensar na administração, mas em vista da família que devemos cuidar. Os pobres não são usuários a quem prestamos serviços. E mesmo que prestemos e garantimos serviços, tenhamos que conversar com as instituições, isso deve ocorrer em segundo plano, porque o pobre é meu irmão e eu faço tudo pensando nele e no seu bem-estar; ele faz parte da comunhão que nos une.

Padre Calábria falava com todos

Padre Calábria dirigia a palavra a todos, por isso pode ser considerado verdadeiramente um pároco universal. Quando vivemos a comunhão não como um clube, quando não nos isolamos, ela nos permite interagir com todos. E por que nos custa tanto? Porque a comunhão nos leva a estabelecer relações fraternas com todas as pessoas. Lembremo-nos do que diz o livro de Atos dos Apóstolos no capítulo 2. Começa com o Pentecostes, mas conclui com esta afirmação fundamental para a Igreja nascente: "eles tinham um só coração e uma só alma". Comunhão é entrar em relação com todos. Se o fechamento nos isolar, a verdadeira comunhão nos proporciona uma abertura que nos torna capazes de interagir com todos, assim como Padre Calábria.

Formar um só coração e uma só alma

Tudo o que o Padre João Calábria disse e pensou com respeito aos Irmãos e Sacerdotes Pobres Servos da Divina Providência, se aplica também às Irmãs. "Sacerdotes, irmãos e irmãs devem formar um só corpo, uma só alma, um só espírito, pois viajamos num mesmo trem. Embarcaremos no mesmo navio e, um dia, todos nos encontraremos no paraíso." Eu aqui me refiro a uma Obra, não Obras, como se as irmãs fossem um membro separado do todo. Isso não! Nunca nos esqueçamos dos caminhos misteriosos e delicados pelos quais a Divina Providência criou esta família religiosa. "Foi o Senhor, sem que eu imaginasse, que, por meio das circunstâncias, me empurrou, diria quase a força, a reunir mulheres piedosas que pudessem colaborar com os Irmãos nas tarefas mais simples em benefício dos mais pobres e abandonados, reunidos nas várias casas pela Divina Providência". A Providência é a porta aberta de nossa casa, porque a Providência também é para nós. Mas Providência significa manter a casa sempre aberta, pois ela é a porta de entrada que dá acesso à vivência da comunhão.



POVERI·SERVI
DELLA·DIVINA
PROVVIDENZA



Todo o mundo é de Deus

Uma verdadeira comunhão nos faz sentir bem em todos os lugares, pois o mundo todo é de Deus. Se nos esforçamos verdadeiramente para sermos irmãos e irmãs, seremos universais. Ao contrário, quando não o somos verdadeiramente, nos encerramos em um bairrismo cauteloso e, com isso, nossa mensagem perde sua força. Na realidade, nenhum tipo de bairrismo nos faz sentir bem, não nos leva à vivência da comunhão, e se transforma em um condomínio. Pelo contrário, o mundo inteiro é de Deus se nossas vidas forem guiadas por estas três belas características: generosidade, disponibilidade e gratuidade.

A comunhão cria comunhão

Leio um pequeno trecho dos escritos de Padre Calábria sobre um menino muito travesso, mas que ele, com sua persistência, conseguiu transformá-lo: "O jovem não se tornará um santinho, mas mudará bastante seu comportamento. Quando ele se tornou adulto, em uma reunião anual de ex-alunos, tornou público esse gesto de Padre Calábria: 'um ato de amor e confiança que mudou minha vida'".

Padre Calábria dizia ainda: "Por pior que alguém possa parecer, sempre terá um lado bom. Temos que aproveitar isso. Temos que acreditar nas pessoas". Revela, assim, uma grande inteligência e uma intensa sensibilidade humana: dar crédito à comunhão. Em outras palavras: te trato como um irmão, mesmo que não seja um santo, e não sei se se tornará, mas te trato como irmão. Oferecer comunhão significa estreitar amizade, dar atenção e demonstrar interesse pelo outro, valorizando seu lado bom. Mas, honestamente, todos nós fazemos o contrário: a primeira coisa que procuramos ver são os defeitos do outro. É profeta da comunhão quem sabe ver em todas as contingências um lado bom que muitas vezes nem a mesma pessoa é consciente de ter. Mas se eu a valorizo, ela o encontrará. Outro santo da caridade, chamado Don Lolli de Ravenna, certa vez disse: "Trate bem a todos! Trate-o bem. Até o delinquente, trate-o bem, diga-lhe que ele é bom, mesmo que não seja. No final, ele se convencerá que realmente o é!". Isso é o que significa "dar crédito" no modo de ver de Padre Calábria; é dar crédito à comunhão, alavancando o lado bom de cada pessoa.



Conclusão

Padre Calábria é ainda hoje um profeta da comunhão, porque nos ajuda a pensar não individualmente, mas juntos. E também porque nos ajuda a ver os outros, especialmente os que mais sofrem não como objeto de nossas atividades, mas como parte integrante de nossa comunhão. E essa é uma intuição extraordinária, muito importante, uma lição que ainda precisamos entender melhor.

Termino com estas palavras de Santo Agostinho: todos nós precisamos de comunhão, tenha cuidado com aqueles que não precisam dela, cuidado consigo mesmo quando pensas que não precisas de comunhão. Porque de comunhão todos nós precisamos, pois não nos tornamos santos sozinhos.

"Durante esta vida, enquanto estamos a caminho, carregamos os fardos uns dos outros, a fim de podermos chegar à vida livre de qualquer fardo" (Santo Agostinho). Acredito que a vida livre de peso não é apenas a vida que está diante de nós e que vem ao nosso encontro, porque o Senhor vem ao nosso encontro; Ele não está apenas ao nosso lado, mas vem ao nosso encontro. No que diz respeito à vida sem peso, lembro-me de outra citação de Santo Agostinho: "quando amamos", e cito de memória: "quando se ama, não sentimos o peso ou o carregamos de boa vontade, porque se ama". Pelo contrário, quando não se ama, tudo se torna pesado.

Vale a pena recordar o que escreveram alguns estudiosos de etologia sobre os cervos. Quando esses animais atravessam uma corrente de água em direção a uma ilha em busca de pasto, se alinham para colocar uns sobre os outros as próprias cabeças sobrecarregadas pelo peso dos chifres. Deste modo, o que está adiante, estendendo o pescoço, coloca a cabeça no que está atrás. E, como é necessário que um deles preceda os demais, sem ter outro diante dele para apoiar a cabeça, eles se revezam. Aquele que precede o outro, cansado pelo peso da cabeça, volta ao último lugar e é sucedido por aquele sobre o qual apoiava a cabeça quando liderava a manada. E assim, carregando o peso um do outro, atravessam o rio até chegarem à terra firme. Nada demonstra mais amizade, quanto carregar o peso do amigo. Nisto consiste a profecia da comunhão!